

O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil

(The development of oral language of children in Early Childhood Education)

Maria Gabriela da Silva Santos ¹; Alessandra Corrêa Farago²

¹Graduanda em Pedagogia- Centro Universitário Unifafibe- Bebedouro- SP
mariagabriellclass1@hotmail.com

²Docente do Centro Universitário Unifafibe- Bebedouro- SP
farago@unifafibe.br

Abstract. *The present final paper aims to propose a discussion of orality and the importance of their use in classrooms of Childhood Education, also emphasizing the possibilities of pedagogical work of the teacher to develop oral language in children. It is necessary to reflect on the development of oral language and the importance of having children participate in real communication situations through the same activities that help to develop their speaking skills, stimulating talks, promoting the expansion of vocabulary and better communication generally. Among the activities are rounds of conversation, music, reading, retelling stories, skits, among others. So important is the appreciation of this practice dedicated to the development of this process.*

Keywords: *language; orality; development; possibilities.*

Resumo. *O presente trabalho tem por finalidade propor uma discussão sobre a oralidade e a importância de sua utilização nas salas de aula de educação infantil, também enfatizando as possibilidades de trabalho pedagógico do professor para desenvolver a linguagem oral nas crianças. Para isso, é necessária uma reflexão sobre o desenvolvimento da oralidade e a importância de fazer com que as crianças participem de situações de comunicação real através de atividades que ajudem as mesmas a desenvolver suas capacidades de expressão oral, estimulando a fala, favorecendo a ampliação do vocabulário e uma melhor comunicação de forma geral. Dentre as atividades estão: roda de conversa, música, leitura, reconto de histórias, dramatizações entre outras. Portanto, é importante a valorização dessa prática dedicando-se ao desenvolvimento desse processo.*

Palavras-chave: *linguagem; oralidade; desenvolvimento; possibilidades.*

Introdução

A oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais diferentes situações sociais em que o indivíduo possa se inserir ao longo de sua vida, é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana.

A linguagem oral é um instrumento fundamental para que as crianças possam ampliar suas possibilidades de inserção e participação nas diversas práticas sociais. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, “em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral, como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica prescindindo-se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem.” (BRASIL, 1998, p.119)

O objetivo deste artigo é discutir sobre o desenvolvimento da oralidade da criança, considerando as possibilidades de trabalho com a linguagem oral na Educação Infantil.

Através das brincadeiras e interação com os adultos, os bebês “incorporam as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo” (BRASIL, 1998, p. 125). A comunicação também acontece através de gestos, sinais e linguagem corporal, apoiando a linguagem oral do bebê.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), aprender a falar não consiste apenas em memorização de palavras mas também em ações, reflexões sobre seus atos, sentimentos e desejos. Aproximadamente a partir de um ano de idade as crianças selecionam os sons dirigidos a elas, mesmo antes de começarem a falar as crianças podem se fazer compreender e compreendem o outro, pois as competências linguísticas abrangem tanto as capacidades de compreensão como as capacidades de se fazer entender.

Segundo Roncato e Lacerda (2005), a capacidade de desenvolvimento de linguagem nas crianças é marcada pelas possibilidades de trocas verbais e discursivas e o adulto ou o professor tem uma função importante nesse processo no âmbito escolar, podendo promover uma série de atividades para essa evolução.

A necessidade que as crianças têm de utilizar a fala acontece através de experiências vivenciadas que fazem o uso da linguagem oral no cotidiano, não apenas em casa, mais também nas instituições de educação infantil que é o lugar em que a criança passa a maior parte do dia, tendo contato com outras crianças e adultos.

Considerando-se que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades

linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. (BRASIL, 1998, p. 134)

O professor é de grande importância nesse processo, pois podem utilizar de meios e possibilidades para fazer com que as crianças falem mais e melhor, organizando suas práticas de forma a promover grandes capacidades. “É importante que o professor converse com bebês e crianças, ajudando-os a se expressarem, apresentando-lhes diversas formas de comunicar o que desejam, sentem, necessitam, etc.” (BRASIL, 1998, p. 134).

Cabe ao professor o uso de práticas para o desenvolvimento da oralidade, conversando com as crianças, propondo brincadeiras com palavras e narrativas, ler e contar histórias.

De acordo com o Referencial Curricular Para a Educação Infantil,

[...] quanto mais às crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p.121).

A necessidade de abordar o tema surgiu a partir de observar a importância de se trabalhar com a oralidade promovendo um amplo desenvolvimento oral nas crianças, que é fundamental para que elas possam comunicar-se nas mais diferentes situações sociais envolvendo a fala no seu dia a dia. Através de pesquisas bibliográficas e obras relacionadas ao tema, nesse trabalho pretendo abordar de forma geral o desenvolvimento da oralidade nas crianças, o papel do professor nesse processo e principalmente possibilidades para se trabalhar a oralidade em sala de aula.

Para a realização dessa pesquisa foi feito levantamento de dados através de pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” A partir do exposto, o desenvolvimento será através de pesquisa bibliográfica, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2002, p.44)

Dessa forma, o presente artigo foi estruturado em três seções: na primeira apontamos a concepção e desenvolvimento da linguagem das crianças; já a segunda seção esclarece o desenvolvimento da linguagem oral sob as perspectivas Vigotskiana e Piagetiana; e a terceira seção, trata das possibilidades de trabalho com a oralidade na Educação Infantil. Por fim, as considerações finais, retomam sinteticamente as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho.

Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

1. Concepção e desenvolvimento da Linguagem das crianças

As crianças desde que nascem dispõem de uma inteligência própria que orienta suas ações no mundo, inteligência esta que vai se modificando a partir das interações estabelecidas com o outro este que dá significados as suas expressões, gestos, sons, fazendo com que tenham uma participação ativa no mundo. A partir dessa interação e do diálogo com outras pessoas, a criança desenvolve uma inteligência denominada verbal, essa inteligência é guiada pela linguagem agindo sobre as ideias. A criança começa a comparar, classificar, inferir, deduzir etc., criando modalidades de memória e imaginação indicando situações de desejo e objetos do mundo externo, as crianças utilizam palavras que especifica características próprias, servindo de instrumento para o diálogo e para o pensamento discursivo.

Segundo Oliveira, Mello e Vitória (2011), a interação da criança desde o nascimento, quando ela se comunica, dialoga com a mãe transforma-se interiormente possibilitando uma nova forma de pensar. As crianças são frequentemente colocadas em um mundo de diálogos, e a maneira como se dirigem a outras pessoas é seguindo uma estrutura de diálogos já vivenciados.

Muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos e crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido á comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se. Ao falar com os bebês, os adultos, principalmente, tendem a usar uma linguagem simples, breve e repetitiva, que facilita o desenvolvimento da linguagem e da comunicação (BRASIL, 1998, p. 125).

A criança pequena tem dificuldades de separar o seu papel do papel de uma pessoa na qual esteja interagindo. Por exemplo, ela põe o dedo na tomada elétrica doméstica e diz “não?” em tom repreensivo balança a cabeça para os lados. Podemos observar que nessa situação a criança está exercendo os dois papeis o da criança curiosa e o do adulto reprimendo-lhe.

A criança com suas experiências e vivências aprende a olhar de diferentes maneiras as situações ocorridas no cotidiano, e o outro tem papel significativo indicando certas ações e a criança deverá considera-las.

Ao observarmos a interação da criança com o adulto na etapa da Educação Infantil, temos um exemplo de que a criança já aponta diferenciações de papéis colocando-se no lugar do outro. Oliveira, Mello e Vitória (2011, p. 48), afirmam que “seu pensamento torna-se mais complexo à medida que ela interage com seu meio, ampliando seus recursos de linguagem e de coordenação de suas ações com as de seus parceiros.”.

A criança vai construindo significados atribuído a uma situação sendo assim registrado, e ela vai adquirindo experiências gradativamente, por exemplo, um cheiro está relacionado à comida, ou quando a professora direciona-se a criança com a mamadeira ela coloca-se de pé no berço.

Após várias experiências em diversas situações, de interação com outras pessoas as crianças vão tornando-se capazes de distanciar-se da realidade e criar símbolos para substituir outras realidades, por exemplo, utilizar uma boneca como se fosse um bebê. “Tais aquisições possibilitam a criança novas formas de trabalhar com símbolos, até que pode usar signos para representar o objeto ou a situação.” (OLIVEIRA, MELLO e VITÓRIA, 2011, p.49).

O processo de construção de símbolo está intrinsicamente associado à aquisição da linguagem e o jogo de representações de situações.

2. O desenvolvimento da oralidade na perspectiva Vigotskiana vs. Piagetiana

A linguagem oral é o sistema pelo qual o homem comunica seus sentimentos e ideias, acontece através da fala, não é um processo inato, é uma habilidade que se constrói no âmbito social, ou seja, a criança nasce com a capacidade para desenvolvê-la, e a figura materna torna-se uma das principais fontes de colaboração nesse processo.

Toda comunicação se faz na interação, é impossível pensar em palavras, linguagem, sem ser na interação com o outro. As palavras possuem seus significados, não sendo o mesmo para todas as pessoas, o sentido se dá a partir da interação do sujeito como seu interlocutor nos diferentes discursos. (BAKHTIN, apud AUGUSTO, 2011).

Em primeiro lugar, vamos tratar o desenvolvimento da oralidade na perspectiva Vigotskiana. Nesta perspectiva a relação do ser humano com o mundo é estabelecida por meio da linguagem. Vigotski (1984) afirma que o contato da criança com a linguagem é através da relação com o outro.

Quando a mãe trata de maneira significativa os balbucios das crianças conversando com elas, ela transmite como funciona o discurso em nossa língua, e torna a criança um sujeito falante.

A aquisição da língua não é um processo apenas natural, para aprender a falar é preciso compreender a linguagem, a mediação do adulto é fundamental nesse processo, é como se fosse um ponto de referência para a compreensão da linguagem. “Nesse sentido pode-se dizer que o adulto é a [...] instância da língua constituída” (VIGOTSKI, 1984, p. 53).

Dessa forma, conforme afirma Augusto (2011), o papel do adulto é essencial na mediação dos discursos infantis, então ao conversar o professor encontra ali um sujeito com características próprias de pensamento o professor faz-se entender e as crianças pensam o mundo com os seus recursos com o que lhes são próprios.

Na concepção sócio-interacionista “a interação que o indivíduo estabelece com o meio, em especial com outros indivíduos em situações sócio determinadas é essencial para a formação do pensamento e da personalidade.” (OLIVEIRA, MELLO E VITÓRIA, 2011, p. 45),

Quando somos questionados sobre algo temos a necessidade de pensar a respeito, fazemos isso através de um “diálogo interior”, mentalmente questionamo-nos sobre o assunto. É um processo que depende de um tipo de fala, a fala interna, originada de um pensamento, o pensamento discursivo, podendo ser notado em várias situações, por exemplo: no planejamento de uma ação, quando analisamos um conceito etc.

O diálogo interior é produzido através das oportunidades que o indivíduo tem de dialogar com outras pessoas “que tentam coordenar suas ideias, argumentos e significações” (OLIVEIRA, MELLO E VITÓRIA, 2011, p. 45). Dessa forma, se o indivíduo não tiver oportunidade de dialogar ele não estará preparado para pensar.

Vigotski (apud OLIVEIRA, 2003) trabalha com duas funções básicas da linguagem a primeira conhecida como Intercâmbio Social: é através dos sistemas de linguagem criados e utilizados pelo homem para comunicarem-se entre seus semelhantes. Essa função de comunicação pode ser observada no comportamento dos bebês, que mesmo não falando convencionalmente e nem compreendendo o significado das palavras se expressam através de gestos e sons suas necessidades e desejos.

De acordo com Oliveira (2003), para que ocorra comunicação entre os indivíduos é necessário à utilização de signos para traduzir pensamentos, ideias e vontades de forma precisa.

A palavra cachorro, por exemplo, tem um significado preciso, compartilhado pelos usuários da língua portuguesa. Independente dos cachorros concretos que um indivíduo conheça, ou do medo de cachorro que alguém possa ter, a palavra cachorro denomina um certo conjunto de elementos do mundo real. (OLIVEIRA, 2003, p. 43)

É a partir desse fenômeno que ocorre a segunda função de linguagem: pensamento generalizante essa função torna a linguagem um instrumento de pensamento é através da linguagem que ocorre a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Rego (2003), afirma que a relação entre o pensamento e a fala passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo, mesmo sendo distintos o pensamento e a fala encontram-se originando um “pensamento psicológico mais sofisticado”.

A aquisição da linguagem é um fator marcante no desenvolvimento do homem, a linguagem, capacidade tipicamente humana faz com que as crianças utilizem-se de instrumentos que as auxiliam na resolução de situações difíceis planejando soluções para seus problemas, as palavras e signos são para elas um meio de contato social com outras pessoas (VIGOTSKI, 1984).

Conforme pondera Rego (2003, p. 64), “tanto nas crianças como nos adultos, a função primordial da fala é o contato social, a comunicação, isto quer dizer que o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação”.

O choro, o balbucio, são formas de expressões manifestadas pelos bebês em seus primeiros meses de vida, apesar de não indicar significado específico podem ser sinal de desconforto ou prazer, essas expressões também são uma forma do bebê estabelecer contato com as pessoas de seu meio. Vigotski(1984),chama essa fase de estágio pré-intelectual do desenvolvimento da fala.

As crianças antes de começarem a falar demonstram uma inteligência prática que é a capacidade de resolução de problemas práticos em seu ambiente, com o auxílio de algum instrumento (por exemplo, ela é capaz de subir em um banquinho para alcançar um brinquedo que está no alto) essa ação realizada pela criança não é mediada pela linguagem, Vigotski (1984) denomina esse estágio como pré-linguístico do pensamento.

Diante disso, as possibilidades de diálogo que a criança encontra em seu meio e do significado que o adulto atribui aos seus gestos e expressões elas aprendem a utilizar a linguagem como meio de comunicação e instrumento de pensamento. Nesse momento, o pensamento e a linguagem interligam-se, o pensamento passa a ser verbal e a fala racional.

Vigotski (1984) afirma que há dois níveis de desenvolvimento, sendo eles zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial. Zona de desenvolvimento real é determinada pelas ações das crianças sem a ajuda do outro, já a zona de desenvolvimento potencial constitui-se por ações que a criança realiza com a ajuda do outro, e que depois poderá realizar sozinha.

Partindo desse pressuposto, observamos que a aquisição da linguagem oral é um processo de apropriação que se dá através da aproximação com a fala do outro, seja ela da mãe, do pai, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão e no rádio, é a partir dessa interação que as crianças começam a falar ampliando assim seu vocabulário.

Segundo Brasil (1998), essa ampliação da capacidade de comunicação oral acontece gradativamente, por um processo de idas e vindas e as crianças tem ritmos próprios na conquista da capacidade linguística e acontece em tempos diferentes de uma criança para a outra.

Vigotski (1984, p.103) pondera que “ao longo da evolução do pensamento e da fala tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve”, partindo dessa perspectiva podemos observar que na complexidade do desenvolvimento da linguagem oral cabe ao professor proporcionar ao aluno um ambiente propício a fim de estimulá-lo para que ele possa se expressar em suas diversas modalidades.

Para Oliveira et. al. (2011) a representação da criança em situações imaginária permite que ela dirija seu comportamento não apenas pela percepção imediata dos objetos mais também pelo significado da situação, regras e papéis representados.

Mesmo as crianças não nomeando os objetos utilizados em suas ações, podemos perceber e identificar a partir do significado que ela atribui à situação.

Pode-se observar que a criança planeja ações afastando-se do presente, mas sua fala não diferencia atos de objetos. Também podemos observar a “diferenciação linguística indicativa da ocorrência de um processo mais elaborado de pensamento, quando uma criança planeja uma ação, explica-a ao outro, procura um objeto ou confirma hipóteses sobre seu uso” (OLIVEIRA et. al. 2011, p.51).

A criança vai construindo conhecimento a partir da relação estabelecida com o mundo, envolvendo aspectos da realidade, interagindo com outras pessoas e assim modificando sua forma de agir, pensar e sentir.

Em segundo lugar, vamos tratar o desenvolvimento da oralidade na perspectiva Piagetiana. Nesse sentido, a oralidade é imprescindível na vida do ser humano, é uma habilidade construída socialmente é ensaiada pelas crianças desde os primeiros momentos de suas vidas. No primeiro ano a comunicação ocorre a partir de troca de experiências interpessoais com a família e professores.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 125), “a construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se.”.

As crianças desde muito cedo utilizam principalmente a oralidade para comunicar-se mesmo antes de falarem fluentemente, para diversos meios: perguntar, pedir, solicitar objetos, etc., mesmo não sabendo falar entendem os adultos conversando com elas.

Podemos considerar que a fala se dá a partir da interação estabelecida pelas crianças desde que nascem, as situações cotidianas em que os adultos falam com ou perto delas fazem com que as mesmas conheçam e apropriem-se do mundo discursivo e dos contextos em que a linguagem oral é produzida.

Nesse sentido o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 49), indica que “a capacidade de uso da língua oral que as crianças possuem ao ingressar na escola foi adquirida no espaço privado: contextos comunicativos, informais, coloquiais, familiares”. Nessa perspectiva a escola em suas práticas deve ensinar aos alunos o significado e a importância da fala, os professores devem apresentar as crianças várias formas de se comunicarem, conversando com elas e levando-as a se expressarem.

É importante que os adultos ao falarem com as crianças tenham cuidado com a própria fala pois são para elas modelo de falantes, falar de forma clara sem imitar o jeito que elas falam, sem infantilizações. As diversas possibilidades e situações comunicativas e expressivas irá desenvolver as capacidades linguísticas das crianças.

Segundo o RCNEI,

uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve

escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário (BRASIL, 1998, p. 135).

Esta ampliação do repertório linguístico da criança poderá acontecer de situações como dar recados, pedir informações, buscar algum material o professor oportuniza ao aluno fazer o uso contextualizado da linguagem, com significado e de formas comuns iniciando as conversações. O professor deve possibilitar a todos os alunos a participação em momentos de fala incentivando-os a falar. A participação das crianças nestas atividades envolvendo a oralidade possibilitará o desenvolvimento de competências como, ler e escrever.

A escola deve expor os alunos a uma diversidade de usos da fala, estimulando-os a falar pois é através do exercício da fala que eles irão aperfeiçoando-se e descobrindo a função social que ela possui.

Por falta de técnicas e objetivos o trabalho com a oralidade torna-se rotineiro na sala de aula, sem finalidade e conteúdo. O professor tem que criar um ambiente tranquilo a fim de estimular os alunos levando-os a comunicar suas ideias. Espontaneamente as crianças utilizam de suas relações interpessoais fazendo uso das palavras em várias circunstâncias percebendo com maior facilidade a função social da linguagem desenvolvendo diferentes habilidades, construindo hábitos de relacionar-se socialmente e vencendo a timidez.

Em um ambiente propício as crianças terão a possibilidade de discutir, falar, manifestar-se livremente. Um dos principais objetivos de se trabalhar a oralidade é desenvolver nas crianças as capacidades linguísticas, falando e escutando.

Para Augusto (2011, p. 52):

Embora a linguagem oral esteja presente no cotidiano das instituições de educação infantil, nem sempre é tratada como algo a ser intencionalmente trabalhado com as crianças. É muito comum que se pense que o desenvolvimento da fala é natural, portanto não exige do professor uma atenção especial.

É importante entender a diversidade de possibilidades a serem trabalhadas com as crianças, no desenvolvimento oral delas, compreendendo como elas aprendem a se comunicar.

Chaer e Guimarães (2012, p. 72), ponderam que

a linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim, ela

amplia nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

Portanto, devemos reconhecer que a fala é básica na via e essencial para o ser humano. É essencial ensinar as crianças a utilizarem corretamente a linguagem em instâncias públicas fazendo com que o uso da mesma torne-se cada vez mais competente.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidades. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p.49)

Será que as práticas educativas valorizam o ensino da oralidade fazendo com que as crianças desenvolvam suas capacidades de expressões orais?

O trabalho com a oralidade em sala de aula é de extrema importância, a fala é essencial em nossa vida e devemos considerar que o desenvolvimento oral se dá a partir das vivências envolvendo o uso das práticas linguísticas, os professores de educação infantil devem planejar e em suas ações pedagógicas conter atividades cotidianas envolvendo a fala, e a reflexão sobre a língua.

Dessa forma, por meio da expressão oral as crianças ampliam seus universos de comunicação, expressando opiniões e ideias, sentimentos e emoções, argumentam, comunicando-se com maior facilidade. Partindo do exposto a oralidade é uma habilidade imprescindível para o convívio social em diversas práticas, o professor deve considerar a oralidade como fator essencial fazendo com que os alunos tornem-se sujeitos falantes, participantes da sociedade.

Para Craidy e Kaercher (2001), observamos a curiosidade que os pais e os adultos têm sobre o que fazer com as crianças ou o que realizar junto com elas quando elas ainda não sabem falar, é como se a fala fosse a única forma de interação entre o adulto e a criança.

Os pais questionam frequentemente sobre o desenvolvimento da fala de seus filhos: “Quando é que ela vai começar a falar?”, “Posso contar histórias pra ele mesmo ele não sabendo falar?”, “Mesmo ele não falando entende o que eu falo?”. São perguntas que trazem uma equivocada hipótese de que a fala se dará naturalmente.

Assim, os diversos barulhos e sons que os bebês escutam, ou quando observam alguém chamando outra pessoa pelo nome ou nomeando coisas e objetos, trazem para eles de

forma significativa o papel dos sons e da oralidade em suas vidas e no mundo, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem oral, onde poderão interagir com outras pessoas e também a composição de um vasto repertório sonoro.

O desenvolvimento oral das crianças ao contrário de que muitos pensam não ocorre naturalmente, mas sim na relação que ela estabelece com o adulto e também com outras crianças (CRAIDY e KAERCHER, 2001).

Vamos imaginar um berçário com um grupo de crianças de 3 meses, se a educadora não promover o desenvolvimento dessas crianças com exercícios motores, massageando-as, elas não terão a oportunidade de virar-se, engatinhar, sentar-se, caminhar etc. Com a linguagem oral ocorre da mesma maneira, se os adultos não estimularem esse processo conversando com elas, elogiando-os, questionando-os intencionalmente sobre coisas de interesse delas, elas serão privadas de modelos de conversas de falantes e falas que são linguagens significativas na interação não apenas no ambiente escolar mais no mundo.

Craidy e Kaercher (2001), afirma que o adulto também deve chamar a atenção da criança em relação à outra, quando a criança está na faixa de dois anos a três anos e meio o professor pode mediar o início de um diálogo fazendo com que elas utilizem a linguagem oral de forma significativa.

A situação remete-nos a observar o significado da oralidade na vida das crianças e elas acabam descobrindo que nem sempre a linguagem, a conversa é a solução para os problemas e sim um recurso valioso, podendo pensar em uma possibilidade para a resolução.

Crianças com até dois anos e meio de idade utilizam-se muito de gestos e também do próprio corpo para apontarem ou fazerem entender o que desejam, essas gesticulações substituem a utilização da voz privando o desenvolvimento da linguagem. Talvez não seja uma dificuldade de falar mais sim uma acomodação, um jogo de manipulação, ou ela não está sendo estimulada oralmente, para que possa perceber o sentido da utilização da linguagem. O adulto deve observar a si mesmo, avaliando-se a sua interlocução, pois serve como modelo de falante para a criança.

Chaer e Guimarães (2012, p. 76), afirmam que o “trabalho com a oralidade assume um importante papel no processo educativo”.

O processo educativo torna-se eficaz quando propiciam situações que os alunos possam desenvolver e explorar suas capacidades comunicativas e sociais.

Assim,

o professor deverá criar situações, promover atividades como conversas, discussões, poesia, dramatizações, fantoches, leitura de histórias, entrevistas, musicas, reconto de histórias, trava- língua, debates, exposições orais, de forma a possibilitar que a criança se torne mais comunicativa e tenha uma interação maior com o grupo. (CHAER e GUIMARÃES, 2012, p. 76)

O ambiente também deve propiciar o desenvolvimento oral das crianças fazendo com que elas se comuniquem. O trabalho com a linguagem deve acontecer através de atividades significativas.

3. Possibilidades de trabalho com a oralidade na Educação Infantil

De acordo com o que discurremos vimos que é essencial perceber que oralidade é um processo dinâmico que se desenvolve a partir de situações que sejam altamente significativas para as crianças (AUGUSTO, 2011).

Em virtude do que foi mencionado podemos observar que o trabalho com a oralidade destaca-se que

[...] falar e pensar, portanto, não se aprende sozinho, mas na interação com outros. Assim, falar sobre as coisas com os outros ajuda a criança a pensar sobre elas e a desenvolver sua linguagem e seu pensamento. Nesse processo, nós educadores, devemos buscar ouvi-las e dar-lhes oportunidades para que, brincando, explorando e interagindo, construam sua própria linguagem, cada uma a seu tempo” (COSTA; GUIMARÃES; ROSSETI-FERREIRA, 2003, p.83).

É importante que o professor valorize essa prática, dedicando-se ao desenvolvimento desse processo a partir de atividades que possam ser organizadas e trabalhadas diariamente.

Craidy e Kaercher (2001), ponderam que atualmente as crianças passam horas na frente da televisão, esta que ocupa muitas vezes o lugar e a companhia dos pais. Observamos que as crianças ficam aos cuidados das avós ou de outras pessoas para os pais irem trabalhar e no final do dia quando voltam para casa a mãe encaminha as atividades domésticas sem tempo para um diálogo com as crianças não contando-lhes uma história e os carinhos acabam sendo excluídos. E é aí que a televisão entra em cena, enquanto a mãe cuida dos afazeres do lar as crianças assistem tevê, após o jantar estão todos cansados e os carinhos e diálogos resumem-se a poucas palavras como “boa noite”.

É muito difícil os pais terem conversas significativas e prazerosas com os filhos observamos também o pouco diálogo entre marido e mulher.

Durante o dia aos cuidados da avó e também de outras pessoas as crianças também ficam a maior parte diante da televisão, quietos sem conversar e raramente esses adultos que os cuidam brincam ou conversam com eles, deixando uma interrogação a quem devem ser dirigidos os cuidados do desenvolvimento oral dessas crianças? Com quem exercitarão sua linguagem oral.

As horas em que os pequenos passam na companhia da tevê contribuem ao desenvolvimento oral, pois apresentam a eles diversas situações em que utilizam a fala fazendo-a um instrumento fundamental na vida dos personagens. Assistindo tevê as crianças têm acesso a modelos de falantes aproximando-se da maneira correta de falar, e até na tevê alguns personagens instruídos cometem erros grosseiros de concordância, portanto não basta deixar as crianças na frente da tevê e sem selecionar os melhores programas a serem assistidos. Os adultos podem questionar as crianças sobre quais programas elas mais gostam quais os personagens preferidos, podendo também ler histórias relacionadas aos desenhos animados como o “Rei Leão” ou “Branca de Neve” fazendo comparações e depois pedindo que as crianças recontem a história, contribuindo não apenas para o desenvolvimento oral mas também para a vida emocional e afetiva.

Momentos de leitura, organização do cotidiano, folhear revistas, brincadeiras verbais e cantorias, são imprescindíveis para o desenvolvimento do afeto e da linguagem oral, tais práticas que não são exclusividade da escola tampouco da tevê.

Na educação infantil deve ser explorado com as crianças o processo de ler e escrever sem o compromisso de alfabetizá-los até o final deste período. A prática dos professores nas instituições devem conter conhecimento e experiências dos estudos sobre as teorias do ler e escrever integrando-os a esse universo lendo e escrevendo juntos, professor e aluno.

Craidy e Kaercher (2001), afirmam que a criança deve entender a função social da leitura e da escrita, o porquê aprender, qual a função da leitura e da escrita na vida das pessoas, a criança tem que ter clareza “qual o sentido e o valor de saber ler e escrever na sociedade em que vivemos, é preciso, em relação às crianças, discutir o valor dessa linguagem tanto na vida delas- presente, imediata e cotidiana-, quanto os motivos pelos quais ela existe neste planeta.” (p. 142).

É importante junto com as crianças investigar: Qual o local encontramos as letras no cotidiano? Para que servem? Em que contexto escrevemos? Para que aprendemos a ler e a escrever? Esses questionamentos só farão sentido se as crianças tiverem interessadas no universo da leitura e escrita. “Do contrário, se não lhe faz sentido não tem por quê.” (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p.142).

Por outro lado, não se deve fazer de desentendidos quanto ao interesse das crianças em relação à leitura e escrita, as crianças devem receber informações a respeito da linguagem explorando-a junto com seus colegas e professora, relacionando-as consigo e com o mundo.

Partindo do princípio de que as crianças já possuem algum conhecimento devemos trazer à tona esse conhecimento, registrando-os possibilitando uma avaliação. A professora deve valorizar esses conhecimentos ainda que estejam desorganizados, explorando junto com as crianças diversas fontes de informações como, jornais, revistas, livros, enciclopédias, vídeos, etc., revendo suas hipóteses e transformando-as.

É importante criar situações em que o adulto responsável possa ler e escrever relacionando a utilização da linguagem escrita com o mundo em que vivem exemplo: A confecção de livros cuja ilustração seja feita pela criança, e a professora desempenhe o papel de escriba. O livro deve conter um tema específico, ou seja, o assunto em que o grupo esteja estudando; enviar cartas aos próprios colegas ou familiares estabelecendo uma correspondência; confecção de convites para alguma festividade da escola; o próprio grupo elaborar juntos jornais e revistas contendo fotos, desenhos e textos, etc.

Há uma diversidade de ideias e produções a serem realizadas com as crianças as quais vão se dando conta do significado da leitura e da escrita no mundo. A companhia do adulto nos desafios desse processo é fundamental, crianças e adultos dialogando entre si, com os outros e com o mundo.

Além da companhia do adulto para desenvolver a oralidade, Augusto (2011), pondera que é preciso no ambiente pedagógico organizar espaços e tempos para que favoreça o desenvolvimento da linguagem oral, para que as crianças vivenciem situações de comunicação real, como dar um recado para algum funcionário da instituição ou comunicar os familiares em casa, além disso, o professor pode preparar ambientes aconchegantes no momento de leitura e contação de histórias e situações de roda de conversa, fazendo com que o aluno faça o uso da linguagem oral em uma prática dialógica e envolvente.

A comunicação oral no cotidiano da Educação Infantil, é outra forma importante de trabalhar a oralidade uma vez que oportuniza às crianças avanços em suas formas de se expressarem a linguagem.

As crianças desde muito cedo, interessam-se pelas práticas comunicativas, os bebês conseguem distinguir através de expressões quando os adultos comunicam-se com eles, entendendo o que falamos muito antes de começarem a falar, portanto devemos conversar com eles apresentando-lhes o mundo, observar o modo de como nos relacionamos com eles e como eles respondem aos nossos estímulos. Observá-los em diversos momentos é um cuidado que o professor deve ter, e essa atitude deve estar presente em diversas práticas do cotidiano da educação infantil.

Brincar com textos orais, também, é um recurso importante para a oralidade da criança. Segundo Augusto (2011), a língua oferece experiência para as crianças, pois brincar com as palavras é função exercida pelos falantes.

“Brincar com palavras é motivo de diversão para as crianças, não é por acaso que as crianças, na educação infantil, entram em contato com esse verdadeiro acervo popular.” (AUGUSTO, 2011, p. 56). Repetir parlendas brincar com cantigas de rodas, trava-língua e adivinhas é um exemplo do uso que as crianças fazem desse imenso repertório oral.

Trabalhar textos orais é extremamente importante, pois a criança terá uma bagagem desse conhecimento que ela levará por toda a educação infantil. O professor ao trabalhar com essa temática não terá dificuldades, pois a tradição oral brasileira tem um vasto repertório de textos orais e brincadeiras cantadas.

A produção de narrativas é outra possibilidade para o desenvolvimento da oralidade. Para isso pode-se utilizar da roda de histórias para a expressão das narrativas infantis, o ato de contar histórias sempre existiu, veio de várias gerações passadas, serviam para educar as crianças explicar os mistérios da natureza. No Brasil o hábito de contar histórias veio da tradição dos povos indígenas e também dos negros através de lendas e mitos.

As narrativas que os professores contam, são a base para a construção das histórias das crianças essa construção se dá pela interação com o mundo representado pelo adulto e pelo uso da linguagem.

A leitura e contação de histórias também é uma possibilidade que beneficia a criança fazendo com que ela pronuncie melhor as palavras e se comunique melhor de forma geral.

O reconto de histórias as crianças podem ouvir e recontar histórias, produzindo-as enriquecendo sua linguagem, estimulando sua imaginação. A estratégia de reconto de histórias além de estimular o gosto pela oralidade também poderá ser de grande valia para a avaliação do desenvolvimento linguístico da criança.

Perroni (apud Augusto, 2011, p. 21), aponta três fases do desenvolvimento narrativo na criança:

Na primeira fase, a presença do adulto é fundamental no momento de contar histórias e no jogo de contar, na primeira situação a criança assume um papel de ouvinte, e na segunda ela se apoia no discurso do adulto e através de perguntas feitas pelo adulto vai dando significado a fala e compondo uma pronarrativa. Na segunda fase, a criança se separa da fala do adulto e através de memorização e conhecimento ela relata experiências pessoais. Na terceira fase, a criança passa a narrar autonomamente reconhecendo-se como próprio locutor. Partindo dessa perspectiva podemos entender que o papel do professor é fundamental para assegurar a construção da narrativa, podendo organizar situações que promova as primeiras pronarrativas.

Com o apoio de livros, fantoches ou caixa de histórias, o professor pode iniciar uma história e compartilhá-la com a criança, propondo perguntas que lhes sirvam de roteiro para contar um trecho a mais, completando assim a narrativa do professor.

Além da roda de histórias o momento do faz de contas são importantes contextos para a construção das narrativas, sendo mais um dos motivos pelos quais os professores precisam alimentar as brincadeiras das crianças propondo diversas possibilidades.

A roda de conversa deve ser uma atividade permanente e diária, é um momento de interação e diálogo entre os alunos, o professor age mediando as conversas propondo situações para que as crianças possam se expressar com essa atividade o professor consegue dispor situações de trabalho com a oralidade. Com a roda de conversa “as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas” (BRASIL, 1998, p. 138), ampliando assim seu vocabulário e valorizando atividades em grupo como forma de aprendizagem.

A roda de conversa também faz parte da produção de narrativas das crianças e deve acontecer em diversos momentos.

Conversar deveria ser uma atividade diária na sala de aula, muitas vezes os professores propõem rodas, mas desprovidas de situações reais de comunicação, ficando sempre centrada na fala do adulto e a criança apenas como ouvinte na situação.

Na roda de conversa além do assunto que se está tratando a própria conversa é conteúdo de aprendizagem, portanto deve-se conversar com as crianças para que elas *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

conversem. É preciso que a professora alimente as trocas de conversas entre as crianças, com vista á interdiscursividade. É importante que o professor provoque confronto de ideias.

Conversar, narrar, brincar e comunicar-se podem se constituir como eixos fundamentais da organização do trabalho com a linguagem oral na escola, pois, em todos os casos, não faltam oportunidades para aprender. E tudo vale a pena para tornar o cotidiano das crianças mais falantes (AUGUSTO, 2011, p. 63).

Segundo Chaer e Guimarães (2012), a roda de conversa é possível despor diversas situações para trabalhar com a oralidade, devendo ser uma estratégia diária na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino fundamental. Nem sempre a roda de conversa tem o destaque merecido nas práticas e planejamentos dos professores.

A roda permite que as crianças falem e ouçam os colegas falando e também que discutem e expressem ideias e opiniões sobre o tema ou situação proposta.

A partir do exposto Brasil (1998, p. 138) considera que:

a roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem.

A roda de conversa torna-se indispensável na sala de aula, possibilitando a comunicação.

Outra prática importante a considerar na Educação Infantil para o desenvolvimento da oralidade é a leitura. Craidy e Kaercher (2001), afirmam que por meio do acesso e manuseio aos livros, a partir da contação de histórias e leituras as crianças vão criando o hábito e o interesse pela leitura e assim um apreço pela escrita.

Segundo Brasil (1998, p.135).

a leitura realizada em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala de aula, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade.

Augusto (2011), defendem que quando as crianças relacionam-se com os livros desde cedo, ouvindo histórias ou lendo aprende a pronunciar as palavras da maneira correta, e comunicar-se melhor. Por meio da leitura a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores, além de favorecer familiaridade com o mundo da escrita.

Os autores afirmam que as crianças ouvem e reproduzem histórias, através dessa reprodução elas enriquecem suas linguagens assim desenvolvendo a imaginação. Ao recontar histórias as crianças apoiam-se em textos já contados reconstruindo à sua maneira, de início as crianças têm dificuldades ao contar as histórias, pois precisam relacioná-las a uma sequência lógica e acaba sendo difícil para elas. A princípio é necessário que as crianças tenham contato com histórias simples de fácil entendimento assim vão se familiarizando para depois reproduzi-las.

Craidy e Kaercher (2001, p. 79), ponderam que a “prática de recontar histórias, além de incentivar o gosto pela oralidade, constituiu uma importante estratégia de avaliação do desenvolvimento linguístico da criança, observando-se como está se expressa oralmente no mundo”.

Os autores também asseveram que o trabalho com fantoches oferece diversas oportunidades para a dramatização. Nas séries iniciais pode-se utilizar qualquer tipo de fantoche: bonecos, caras etc. É necessário que as histórias sejam simples e curtas.

Ao apresentarem os fantoches as crianças utilizam de movimentos, linguagem e voz espontânea. O fantoche também dá a oportunidade das crianças tímidas expressarem-se livremente, pois atrás de cortinas ou móvel elas se sentem seguras.

Outra sugestão para trabalhar a oralidade com as crianças é a dramatização que segundo Craidy e Kaercher (2001, p. 78), “é representar, ao vivo, narrações ou ações. Personagens, enredo, tema, ação e diálogos são elementos considerados básicos na dramatização”.

A dramatização designa diversas formas de atividades como: teatro infantil, brinquedos dramatizados, fantoches, teatrinho de sombras, etc. As crianças são orientadas a expressarem-se, assim ganham bons padrões de linguagem, pronunciando-a corretamente.

Outra possibilidade de desenvolvimento da linguagem oral é o trabalho com a poesia que é essencialmente um texto para ser oralizado trazendo para as crianças significado. Ao ouvir belas poesias as crianças manifestam de forma espontânea as emoções e sentimentos. O professor deve selecionar as poesias a serem trabalhadas com as crianças para fácil compreensão, através da poesia as crianças aprendem as palavras, seus significados enriquecendo o vocabulário.

A música também é de grande importância nesse processo, pois além do professor estar estimulando a sensibilidades, a entonação, o ritmo ele também trabalha o texto oral, a

pronuncia de palavras, o vocabulário. A estratégia de utilizar-se a música nesse processo de desenvolvimento da linguagem favorece o trabalho desenvolvido pelo professor.

A criança tem que ter contato com a música explorando-a, e através da mesma aproximando-se do universo da oralidade de maneira lúdica e divertida. O professor deve observar a letra, o ritmo a melodia para que seja de fácil entendimento das crianças com a música, podem ser trabalhados também o vocabulário, a pronuncia correta das palavras, os textos orais, entre diversas outras possibilidades

Chaer e Guimarães (2012), afirmam que o professor deve observar o desenvolvimento oral das crianças, avaliando-as a fim de detectar progressos e avanços.

É importante que o professor identifique também as dificuldades planejando atividades que possa ajudar esses alunos a expressarem-se cada vez melhor, corrigindo a forma de como pronunciam as palavras. Cabe ao professor substituir esses maus hábitos por formas convencionais a serem faladas.

É necessário discutir sobre a importância de desenvolver um trabalho pedagógico que valorize o ato comunicativo das crianças possibilitando o pleno desenvolvimento da linguagem. Portanto é essencial perceber que o processo da linguagem oral é dinâmico e necessita de situações e possibilidades altamente significativas, por isso devem ser trabalhadas diariamente.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo discutir sobre o desenvolvimento da oralidade das crianças, considerando as possibilidades de trabalho com a linguagem oral na Educação Infantil. Sabe-se que a linguagem oral é um instrumento fundamental na vida das pessoas, possibilitando participação no meio social. Não sendo a fala um processo inato, são necessárias fontes de colaboração para o desenvolvimento dessa habilidade.

Desde os primeiros meses de vida os bebês emitem sons como forma de expressão e de esforço para comunicar-se com as pessoas de seu meio, aos poucos esses sons vão se tornando palavras e enfim as crianças comunicam-se definitivamente, quanto mais as crianças falam mais elas vão exercitando suas possibilidades de comunicação e descobrindo a função social que ela possui. A Linguagem oral deve ser trabalhada desde o início da vida das crianças, na escola esse trabalho é fundamental, os professores devem dispor de

possibilidades para o desenvolvimento desse processo, propondo situações significativas diariamente.

Espera-se que o presente trabalho tenha proporcionado uma reflexão sobre o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, e a importância de se trabalhar esse mecanismo desde seu ingresso nas instituições de Educação Infantil, e busquem contemplar as práticas orais como fator primordial em sala de aula.

Referências

- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. *A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil*. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.
- CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. *A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental*. Pergaminho, (3): p. 71-88, nov. 2012.
- COSTA; GUIMARÃES; ROSSETTI-FERREIRA. Conversar para aprender a conversar. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org). *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2003. P. 81-83.
- CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis E. *Educação infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre. Artmed. 2001. Cap.12, p.135-151.
- FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti; MELO, Ana Maria. (Orgs.). *Os fazeres da Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. *Creches: Crianças, Faz de Conta & cia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio-histórico*. 4º ed. São Paulo: editora Scipione, 2003.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 15ºed. Petrópolis: editora Vozes, 2003.
- Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

RONCATO, Caroline Cominetti; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. *Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil*. Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v.31, nº 2, p. 215-223, ago. 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11715/8439>>. Acessado em: 12 set. 2013.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.